

Acontecimentos de vida negativos e suicidalidade em jovens adultos

Ana Teresa Sobrinho, Rui C. Campos, & Cristiana Mesquita

Universidade de Évora

Resumo: Este trabalho estudou a relação entre a perceção do impacto de um conjunto de acontecimentos de vida e a suicidalidade em jovens adultos. Uma amostra de 248 estudantes universitários, 182 do sexo feminino e 66 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 17 e os 31 anos (\bar{X} = 20,82 anos; DP = 4,29 anos) respondeu ao *Life Experiences Survey* (LES; Sarason et al., 1978), à Escala de Depressão do Centro de Estudos Epistemológicos (CES-D; Radloff, 1977) e ao Questionário de Comportamentos Suicidários - Revisto (QCS-R; Osman et al., 2001). Verifica-se que uma medida compósita da perceção do impacto de 16 acontecimentos de vida considerados relevantes na literatura sobre o suicídio, obtida a partir do LES, se associa significativamente com a suicidalidade, sendo este efeito mediado pela depressão sintomática. Destaca-se um conjunto de seis acontecimentos de vida como sendo mais relevantes para a suicidalidade como são a presença de acidente ou doença grave e alterações no nível económico.

Palavras-chave: Acontecimentos de Vida Negativos; Suicidalidade; Jovens Adultos.

INTRODUÇÃO

A entrada na vida adulta é um período desenvolvimental marcado por grandes mudanças, pela necessidade de assumir novas responsabilidades e por *stress*, aspetos que podem ser, por vezes, geradores de psicopatologia (Allam, 2011; Garrouette et al., 2003; Marshal, 2003; O'Donnel et al., 2004). Nesta fase, quando determinados acontecimentos de vida (Marshal, 2003) são inesperados e têm um impacto significativo na vida dos sujeitos, o nível de *stress* experienciado e a probabilidade de desenvolvimento de psicopatologia poderão ser consideráveis (Allam, 2011; Marshal, 2003).

Segundo Sarason, Johnson e Siegel (1978), os acontecimentos de vida não apresentam por si só uma conotação positiva ou negativa, ou seja, este carácter positivo ou negativo depende da perceção que o indivíduo tem dos mesmos. Assim, um mesmo acontecimento poderá constituir-se como um fator de risco para a desorganização mental num determinado indivíduo, enquanto, para outro, poderá não ter um impacto significativo no seu funcionamento.

Vários estudos (e.g., Cavanagh, Carson, Sharpe & Lawrie, 2003; Fawcett, Busch, Jacobs, Kravitz & Fogg, 1997; Heikkinen, Aro & Lönnqvist, 2007; Malone, Quinlivan, Grant & Kelleher, 2012; Paykel, Prusoff, & Myers, 1975) têm observado que a suicidalidade (Gassmann-Mayer et al., 2011)⁸ pode apresentar-se como uma estratégia de fuga ao sofrimento psicológico causado pelo *stress* inerente a determinados acontecimentos de vida. Entre as manifestações deste sofrimento psicológico destaca-se a sintomatologia depressiva (Campos, Besser & Blatt, 2012; Galambos, Barker & Krahn, 2006). Na verdade, pode pensar-se que, como refere Coimbra de Matos (2001), "a motivação para desejar a morte pode deduzir-se da vivência depressiva" (p. 135). Esta evidência clínica é corroborada por estudos empíricos que concluem no sentido do valor preditivo da depressão para a suicidalidade (e.g., Campos et al., 2012; Campos, Besser & Blatt, 2013; Dixon, Heppner & Anderson, 1991; Yen et al., 2003), nomeadamente em estudantes universitários, sendo esta relação mais expressiva entre os 20 e os 24 anos (e.g., Lamis, Malone, Langhinrichsen-Rohling & Ellis, 2010; Silverman, Meyer, Sloane, Raffel & Pratt, 1997) e em adolescente (Lubell, Kegler, Crosby & Karch, 2007).

⁸ A Suicidalidade é um conceito que remete para uma espécie de um *continuum* que vai desde a ideação suicida - ativa ou passiva - até ao comportamento suicida e que abarca o plano, as tentativas consumadas e interrompidas e o suicídio consumado (Gassmann-Mayer et al., 2011).